

Bando Escolástico

Recitado em 5 de Dezembro de 1926

PELO

ALUNO DO 7.º ANO DE CIÊNCIAS

Jayme Ribeiro da Costa Sampaio.

O' Guimarães velinho, ó venerando ancião
que foste o criador, o pai desta nação
de santos e de heróis, guerreiros esforçados,
cujos nomes Camões, em cantos sublimados,
num poema imortal, levou ao mundo inteiro,
tu foste, ó Guimarães, o berço do primeiro,
heróico português que caminhou óvante
a conquistar terreno a golpes de montante
para fundar a Pátria amada — Portugal
— jardim da Europa à beira mar plantado — e o mar
que murmurante vem às praias p'ra beijar,
ó meu jardim em flor, a reluzente areia,
o palco imenso foi da pristina odisseia
que tornou grande, ilustré, ingente e imortal
esta Pátria bendita — o nosso Portugal!
Salvé, ó Guimarães, ó inclita cidade,
aceita as saudações da nossa mocidade!

Oh! mas como é ingrata a gente lusitana!
Na *delenda Cartago*, insólita e insana,
a que se assiste agora, é acinte sôbre acinte:
primeiro foi o *vinte*, o nosso bravo *vinte*,
que conseguindo ao longe os fulgores da glória
dando em holocausto, nos altar's da História,
os bravos filhos seus, foi condenado à morte.
Que triste, ó Guimarães, que triste é a tua sorte!
Levaram-te a bandeira — horror! — quem tal previra!
e a banda foi tocar p'ra as bandas de Tavira!...
O teu velho Castelo, ó Guimarães velinho,
chora ao ver que alguém quer desfazer o teu ninho
tirando-te o que é teu... E ao verem que tu choras
mandam-te um batalhão das tais metralhadoras:
quatro centos piões e mais duzentas bestas...
Tuas compensações, ó Guimarães, são *estas*.
E vós, damas gentis, porque chorais assim?
Coitadas, eu bem sei: não tendes no jardim
a banda musical, tocando peças finas...
Têm mais sorte que vós as damas... *marroquinas*.
O' belas, sossegai os vossos corações:
também tendes direito a ter compensações,
por isso vos darão à laia duma esmola
automáticos sons que vêm da pianola
em pequenos jardins chamados os cafés.
E' música tocada apenas com os pés...

Do teu manto de arminho e pedras preciosas
quizeram, Guimarães, uma das mais formosas
jóias que tu tens arrebatat-te um dia:
Vizela quiz fugir e quiz formar concelho,
mas tu, ó Guimarães, corando, pobre velho,
de vergonha e de dor e justa indignação,
com brío e altivez lhe respondeste: «Não!
Não sairás de mim, ó filha estremecida;
no meu concelho és tu a jóia mais querida,
o meu encanto, o meu enlêvo, o meu amor.
Tiveste vibrações de júbilo e de dor
nas horas de prazer, nos dias de amargura
da vida de teu pai. Tua alma nobre e pura
nunca deixou de dar, não recusou jamais
o amor que devem ter os filhos a seus pais.
Tu queixas-te de mim! Porquê, linda Vizela?
Acaso recusei sequer uma parcela
de cuidado e de amor, de esforço e de carinho
para que fosses sempre em meu manto de arminho
a jóia mais formosa? ai! triste! ai! insensata!
Não queiras ser, oh! não, Vizela, filha ingrata!»

Num soluço de dor, sumiu-se a sua voz...
E os filhos de Minerva, os estudantes, nós,
também vamos falar, pois *nos quoque gens sumus*:
«Vaidades, ilusões, que semelhas os fumos
que dissipam no ar os ventos da Natura,
acaso não sabeis que é sempre uma loucura
pretender arrancar da juvenil memória
as lições que nos dão as páginas da História?!
Um dia déste à luz, sob frondosas franças,
o poeta genial das *Andorinhas mansas*.
O Bráulio que inda hoje as águas do Vizela
choram ao recordar a inspiração mais bela,
que ao pé delas nasceu, o Bráulio é muito nosso!
Vivendo junto a nós, era o poeta moço
o genial autor de bandos imortais.
A água sulfurosa, o parque e tudo o mais
podes levar, oh! sim! mas ouve: a Mocidade
não há-de permitir que o *Cisne da Saúde*

deixe de pertencer a esta nobre grei
onde nasceu Afonso, êsse primeiro rei
que nos deu um jardim ornado de mil flores
onde o Bráulio nasceu, brilhando entre os cantores
dos sentimentos bons, do amor e da saúde...
Oh! isso não consente a nossa mocidade!»

Senhoras, eu bem sei, mereço a vossa crítica:
julgaiis que no que disse a porca da politica
veio meter nariz. Política?! *Caxixa!*
Despreza a Mocidade essa nojenta bicha
que traz o mundo inteiro em triste convulsão.
Politica, p'ra nós, há uma — o coração.
Os chefes de valor que mandam sôbre nós
Senhoras, bem sabeis, êsses chefes sois vós.
Quer cabelos useis em trança perfumada,
quer cortados à moda, em forma *arrapazada*,
quer o vestido desça abaixo dos artelhos,
ou fique ainda um pouco acima dos joelhos,
Senhoras, sereis sempre uns anjos de candura,
a concepção mais alta, a concepção mais pura
da beleza ideal. P'ra nós a alma é tudo.
O resto é carnaval, é fingimento, entrudo...
A cabeleira loira, os lábios de carmim,
olheiras na mulher que nunca as teve assim;
a face rubicunda, o rosto coradinho,
que em casa é cor de leite e fora é cor de vinho;
que nome deve ter, Senhoras, isto tudo?
não é um carnaval, não é isto um entrudo?
E tu, tricana linda, ó pálida *Julietta*,
também te deixas ir, levada pela treta
dessa moda imbecil, à busca da pintura
para ficar's a ser uma triste figura
pintada a pó d'arroz e a rubro de carmim!
Vê lá! não queiras ser, ó tricaninha, assim:
não deites nêsse rosto as drogas nem a tinta,
se não quizer's ouvir cantar o «*Pinta, pinta*»...

Senhoras, Ruy Chianca, o poeta ideal,
quere reconquistar o velho Portugal!
Veio numa embaixada, em ânsias de amor,
falar de Portugal, dum Portugal maior.
Nêste berço de heróis — a nossa Guimarães —
abundam os heróis, sois vós, ó santas mães!
O velho Portugal d'Ourique e Aljubarrota
há-de seguir da glória, em brilhante derrota,
o caminho da luz, da verdade e do bem,
se cada uma de vós aprender a ser mãe.
A mãe que o sabe ser, a grande educadora,
é que há-de promover a radiante aurora
da nova geração, viril, altiva e forte.
Oh! sim, há-de arrancar esta nação à morte
a que a querem levar os falsos portugueses
onde traidores houve, algumas, muitas vezes.
Senhoras, anjos bons da beleza e do amor,
haveis de conquistar um Portugal maior:
a luz do vosso olhar, e o encantador sorriso
farão da nossa terra, um céu, um paraíso
de graças e de amor, de paz e de ventura
como outro jamais houve em reinos da Natura.

Senhoras, vai surgir a mais bela manhã
da nossa Guimarães! Traremos a maçã,
o símbolo do amor, formosa e perfumada.
Aceitai-a, gentis! E' bela a embaixada
que vem desempenhar junto de vós, ó belas,
a nossa mocidade em frases bem singelas.
Ela vem p'ra dizer: Senhoras, o estudante
é sempre a alma grande, o coração amante
que não sabe enganar, que não sabe mentir,
que passa a vida alegre, a cantar e a sorrir;
mas faz isto baixinho, tremendo, cuidadosa,
para não despertar o bicho — a tal rapoza
que, astuta, nos espregia à porta do Liceu.

Hoje, amigos, brincai! Reitor hoje sou eu!
Nêsses bombos rufai com garbo e valentia!
Fazei que Guimarães se inunde em alegria.
Ide sempre a rufar, com engenho e com arte,
num rufo colossal que faça tremer Marte,
que faça até tremer as pernas a Saturno,
a Júpiter, Vulcano; e depois, por seu turno,
ao mundo vá dizer: «Ninguém daqui nos tira,
ninguém pode mandar os bombos p'ra... Tavira.
Amigos, e se alguém tiver tal tentação,
rufai bem e dizei: «*Patêgo, olha o balão!*»